

Artigo original

# Vigilância epistêmica e relevância em cadeias de comentários: um estudo em contexto escolar

*Epistemic vigilance and relevance in comment chains: evidence from classroom contexts*

*Vigilancia epistémica y relevancia en cadenas de comentarios: un estudio en contexto escolar*

Fábio José Rauen<sup>1\*</sup>  , Vanessa da Silva Alano<sup>2</sup>  

## Citação:

Rauen, F. J.; Alano, V. da S. (2026).  
Vigilância epistêmica e relevância  
em cadeias de comentários: um  
estudo em contexto escolar.  
*InterteXto*, 20.  
<https://doi.org/10.18554/it.20.8883>

**Editor:** Priscila Marques Toneli e  
Juliana Bertucci Barbosa

**Recebido:** 09 fev. 2026


**Aceito:** 01 jun. 2026

**Publicado:** 16 jun. 2026




Texto sobre copyright.



1. Universidade do Sul de Santa Catarina , Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem.

\* Autor correspondente: [fabio.rauen@gmail.com](mailto:fabio.rauen@gmail.com).

2. Universidade do Sul de Santa Catarina , Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem.

**Resumo:** Este estudo de caso, à luz da Teoria da Relevância, analisa como suposições iniciais modulam a interpretação do enunciado subdeterminado “Maria perdeu o filho” entre estudantes do 9º ano, manipulando quatro versões de uma suposição — alto risco gestacional, estupro, adolescência, perda prévia de guarda — e observando seus efeitos em cadeias de comentários. Os resultados sugerem que as suposições atuam como atratores cognitivos, orientando interpretações para eixos morais distintos; que a relevância ótima é indexada ao contexto cognitivo de origem e se fragiliza sob assimetria informacional; e que, diante dos desalinhamentos e distorções cumulativas, as equipes acionam vigilância epistêmica para bloquear inferências não licenciadas e julgamentos abusivos. Por fim, os achados destacam a necessidade de a escola integrar estratégias pedagógicas que ensinem a “ler entre contextos” em ecossistemas digitais fragmentados.

**Palavras-chave:** Teoria da Relevância. Vigilância epistêmica. Cadeias de comentários. Gêneros digitais. Ensino crítico da leitura.

**Abstract:** This case study, framed by Relevance Theory, examines how initial contextual assumptions modulate the interpretation of the semantically underdetermined utterance “Maria lost her child” among ninth-grade students, manipulating four versions of one assumption — high-risk pregnancy, rape, adolescence, prior loss of custody — and observing their effects on comment chains. The findings suggest that assumptions act as cognitive attractors, guiding interpretations toward distinct moral axes; that optimal relevance is indexed to the original cognitive context and becomes fragile under informational asymmetry; and that, faced with misalignments and cumulative distortions, teams activate epistemic vigilance to block unlicensed inferences and abusive judgments. Finally, the results underscore the need for schools to

incorporate pedagogical strategies that enable students to “read across contexts” in fragmented digital ecosystem.

**Keywords:** Relevance Theory. Epistemic vigilance. Comment chains. Digital genres. Critical reading pedagogy.

**Resumen:** Este estudio de caso, a la luz de la Teoría de la Relevancia, analiza cómo las suposiciones iniciales modulan la interpretación del enunciado semánticamente subdeterminado “María perdió al hijo” entre estudiantes de noveno grado, manipulando cuatro versiones de una suposición — alto riesgo gestacional, violación, adolescencia, pérdida previa de la custodia — y observando sus efectos en las cadenas de comentarios. Los hallazgos sugieren que las suposiciones actúan como atractores cognitivos, orientando las interpretaciones hacia distintos ejes morales; que la relevancia óptima está indexada al contexto cognitivo de origen y se debilita bajo asimetría informativa; y que, ante los desalineamientos y las distorsiones acumulativas, los equipos activan vigilancia epistémica para bloquear inferencias no licenciadas y juicios abusivos. Por último, los resultados subrayan la necesidad de que la escuela integre estrategias pedagógicas que enseñen a “leer a través de contextos” en ecosistemas digitales fragmentados.

**Palabras clave:** Teoría de la Relevancia. Vigilancia epistémica. Cadenas de comentarios. Géneros digitales. Didáctica crítica de la lectura.

## 1. Introdução

Em ambientes digitais, marcados pela velocidade, fragmentação e assimetria informacional, a interpretação textual configura-se como um processo situado e suscetível a desalinhamentos e distorções cumulativas. Nas redes sociais, onde enunciados circulam em cadeias de comentários sem compartilhamento pleno do contexto, a subdeterminação semântica do estímulo linguístico, associada à escassez de pistas comunicacionais, intensifica a ocorrência de mal-entendidos, inferências não licenciadas e julgamentos precipitados.

Nesse cenário, a Teoria da Relevância, proposta por Sperber e Wilson (1995), oferece um aparato teórico-metodológico para compreender como os interlocutores constroem sentidos a partir de suposições contextuais iniciais e equilibram efeitos cognitivos e esforço de processamento na busca pela interpretação mais relevante. Além disso, esse enquadre explica a ativação da vigilância epistémica como mecanismo de filtragem de inferências incompatíveis com o ambiente cognitivo disponível, sobretudo quando as suposições não são compartilhadas (Sperber *et al.*, 2010).

Este artigo sintetiza o estudo desenvolvido por Alano (2026), que investiga os efeitos da manipulação de suposições contextuais iniciais sobre a interpretação do enunciado semanticamente subdeterminado “Maria perdeu o filho” e a subsequente produção de cadeias de comentários por estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental. A subdeterminação proposicional desse enunciado — passível de interpretações como aborto espontâneo, morte fetal, morte de criança já nascida ou, em leituras menos prototípicas, perda da guarda ou extravio momentâneo — exige do intérprete um processo inferencial no qual a seleção da leitura pretendida depende da acessibilidade das suposições manifestas no ambiente cognitivo. Assim, compreender o enunciado demanda ajustes pragmáticos que convertam a forma lógica subdeterminada em uma explicatura plenamente desenvolvida, equilibrando efeitos cognitivos e esforço de processamento.

Como estudo de caso conduzido em ambiente controlado, o experimento de Alano (2026) forneceu aos participantes um conjunto de suposições contextuais pré-estabelecidas, permitindo isolar o impacto que diferentes ambientes cognitivos exercem sobre a interpretação do enunciado-alvo. Duas dessas suposições foram constantes para todas as equipes — (S1) “Maria Oliveira está grávida de seis semanas” e (S3) “mulheres grávidas têm maior risco de aborto espontâneo até a 12<sup>a</sup> semana de gestação” — garantindo uma base mínima compartilhada para a construção da explicatura necessária. A suposição variável (S2), manipulada como variável independente, apresentou quatro versões experimentais: (S2A) gravidez de alto risco; (S2B) gravidez decorrente de estupro; (S2C) gravidez na adolescência (Maria tem 14 anos); e (S2D) gestação em contexto de perda prévia da guarda de cinco filhos. Essa variação deliberada permitiu observar como diferentes conjuntos de suposições iniciais modulam a acessibilidade inferencial e orientam a progressão das cadeias de comentários sob assimetria informacional.

Ao isolar essa variável contextual — a natureza de S2 — o estudo examina como ambientes cognitivos de partida modulam não apenas a interpretação inicial do enunciado subdeterminado, mas também a progressão das inferências e a organização das cadeias discursivas subsequentes. Essa manipulação controlada possibilita observar, em condições experimentais, como variações mínimas no conjunto de suposições acessíveis alteram a trajetória interpretativa, ampliando ou restringindo o espaço inferencial ao longo da circulação dos comentários.

A investigação parte da hipótese central de que a relevância ótima é indexada ao contexto cognitivo inicial e se fragiliza sob condições de circulação assimétrica de informações, cenário que tende a produzir desalinhamentos comunicacionais e a acionar mecanismos de vigilância epistêmica (Sperber *et al.*, 2010). Entendida como o processo pelo qual os indivíduos monitoram a coerência do conteúdo e a credibilidade da fonte, a vigilância epistêmica atua como filtro que busca preservar a compatibilidade entre novas inferências e as suposições manifestas no ambiente cognitivo disponível. Nessas condições, espera-se que as equipes atuem como “guardiãs” de seus próprios contextos, rejeitando inferências incompatíveis com as suposições manifestas no ambiente cognitivo de origem.

A relevância desta pesquisa é dupla. Do ponto de vista teórico, mobiliza o modelo descritivo-explicativo da Teoria da Relevância para simular, em ambiente controlado, a dinâmica fragmentada das interações digitais, permitindo observar empiricamente como diferentes ambientes cognitivos orientam inferências distintas a partir de um mesmo estímulo verbal. Do ponto de vista pedagógico, dialoga diretamente com a Base Nacional Comum Curricular — BNCC (Brasil, 2018) e com os descritores do Sistema de Avaliação da Educação Básica — Saeb (Brasil, 2020), especialmente no que concerne ao desenvolvimento de competências ligadas ao uso crítico e ético das mídias digitais, à identificação de sentidos implícitos e à análise dos efeitos de sentido decorrentes de escolhas lexicais e contextuais. Mais do que ensinar a “ler entre linhas”, o estudo promove uma reflexão metacognitiva sobre a necessidade de “ler entre contextos”, competência essencial para a cidadania digital em tempos de pós-verdade, fragmentação informacional e polarização algorítmica.

O artigo organiza-se da seguinte forma. A Seção 2 apresenta os fundamentos da Teoria da Relevância, com ênfase na subdeterminação semântica, na presunção de relevância ótima e nos mecanismos de vigilância epistêmica, bem como em sua aplicação à análise de interações e gêneros digitais. A Seção 3 descreve a metodologia qualitativa com delineamento descritivo-experimental que estrutura o estudo de caso, detalhando o controle das suposições contextuais e a dinâmica de circulação das cadeias de comentários. A Seção 4 discute os achados empíricos, com foco na fragilidade da relevância ótima sob assimetria informacional, no caráter defensivo da vigilância epistêmica e na

função das diferentes versões de S2 como atratores cognitivos que orientam a progressão inferencial. Por fim, a Seção 5 apresenta as considerações finais, que oferecem uma síntese interpretativa dos resultados — destacando a fragmentação ética, os riscos inerentes à comunicação assimétrica e as contribuições teórico-pedagógicas do estudo — além de discutir limitações, implicações educacionais e perspectivas para pesquisas futuras.

## 2. Fundamentação Teórica

A interpretação textual em ambientes digitais contemporâneos exige mais do que competência linguística: demanda a capacidade de mobilizar contextos, formular hipóteses e derivar inferências a partir de pistas frequentemente escassas. Nesse cenário, a Teoria da Relevância, proposta por Sperber e Wilson (1995), oferece um modelo descritivo-explicativo potente para compreender como os seres humanos processam enunciados em situações nas quais o estímulo verbal circula sob forte assimetria informacional.

Assumindo o princípio cognitivo de que a cognição tende a maximizar a relevância dos insumos que processa, a teoria propõe um princípio comunicativo segundo o qual todo ato comunicativo cria a expectativa de relevância ótima: o intérprete presume que o enunciado será suficientemente relevante para justificar seu processamento e o mais relevante que o produtor pôde ou quis fornecer naquele momento. Nessa moldura, relevância é definida como relação entre os efeitos cognitivos — fortalecimento, eliminação ou integração de suposições no ambiente cognitivo — e o esforço de processamento exigido para obtê-los, de modo que quanto maiores forem os efeitos e menor o esforço, maior será a relevância dos estímulos.

Em Teoria da Relevância, a compreensão verbal é essencialmente inferencial e segue um procedimento orientado pela relevância: o ouvinte considera hipóteses em ordem de acessibilidade e interrompe o processamento quando sua expectativa é satisfeita (ou abandonada). A interpretação de um enunciado desdobra-se em dois níveis principais de conteúdo inferido: explicatura e implicatura.

A explicatura corresponde à suposição explicitamente comunicada, obtida pelo desenvolvimento da forma lógica codificada pelo enunciado. Esse desenvolvimento não se limita à resolução da subdeterminação lexical: envolve saturação referencial, desambiguação, enriquecimentos pragmáticos e, quando necessário, ajustes que refinam o sentido inicialmente subdeterminado, convertendo-o em proposição semanticamente completa, capaz de receber valor de verdade. Nesse processo, o mecanismo inferencial mobiliza três tipos de entradas: lexicais, que aportam informações linguísticas; enciclopédicas, que reúnem conhecimentos e crenças associados aos conceitos ativados; e lógicas, compostas por regras dedutivas aplicáveis às formas lógicas.

Enquanto conteúdo explicitamente comunicado, mas não meramente decodificado, a explicatura resulta de uma interação inferencial guiada pela relevância, que transforma a estrutura mínima fornecida pela forma lógica em proposição plenamente desenvolvida. Assim, no enunciado “Maria perdeu o filho”, a explicatura apenas se estabiliza quando a forma lógica é enriquecida pelas suposições contextualmente acessíveis — por exemplo, quando o ajuste pragmático restringe o sentido de perder à leitura de aborto espontâneo, caso essa seja a interpretação mais acessível e coerente no ambiente cognitivo disponível.

A implicatura, por sua vez, designa o conteúdo inferido que emerge da interação entre a explicatura e o ambiente cognitivo do intérprete. Para descrevê-la de maneira operacional (cf. Sperber; Wilson, 1995; Silveira; Feltes, 2002; Wilson, 2004), convém distinguir premissas implicadas e

conclusões implicadas: as primeiras são suposições recuperadas ou ativadas pela memória enciclopédica, pela percepção e pelo conjunto mutuamente manifesto de suposições; as segundas são novas suposições que resultam inferencialmente da combinação entre explicatura e premissas — por regras dedutivas como *modus ponens* ou *eliminação-e* — e que o falante pretende que o ouvinte recupere.

Nessa arquitetura, é útil reconhecer graus de força: implicaturas fortes (claramente pretendidas e necessárias para apreender o que foi comunicado), implicaturas fracas (menos pretendidas, mais dependentes do repertório enciclopédico do intérprete) e implicaturas não transmitidas (deduções que o intérprete poderia fazer, mas que não integram o que foi comunicado).

Em ecossistemas digitais marcados por assimetria informacional, propõe-se ainda empregar, como marcador heurístico da perda de aderência ao contexto de origem, a noção de implicaturas não licenciadas — um subconjunto das implicaturas fracas que não são reconhecidas como autorizadas pelo contexto efetivamente compartilhado, exigem esforço de integração desproporcional ou contrariam suposições já manifestas, frequentemente derivando interpretações espúrias.

Note-se que o papel do contexto é decisivo. Em Teoria da Relevância, o contexto é o subconjunto de suposições manifestas — isto é, informações mentalmente representadas que afetam e delimitam a compreensão. O êxito comunicativo depende da manifestabilidade mútua dessas suposições; quando ela falta, multiplicam-se mal-entendidos e juízos precipitados, sobretudo em ambientes de circulação assimétrica de informações.

É nessa moldura que se enquadra o enunciado “Maria perdeu o filho”. Sua subdeterminação semântica admite múltiplas explicaturas (de aborto espontâneo a mero esquecimento). A interpretação considerada mais relevante deve ser selecionada pelo contexto: quando o conjunto de suposições S1 (Maria grávida de seis semanas) e S3 (maior risco de aborto até a 12ª semana) está disponível, a explicatura E3 — “aborto espontâneo” — tende a ser a interpretação mais acessível e parcimoniosa. A partir daí, o intérprete pode ativar premissas implicadas (por exemplo, “a perda gestacional é emocionalmente devastadora”) e derivar conclusões implicadas fortes (“Maria merece apoio”; “Maria está emocionalmente abalada”), em vez de conclusões não transmitidas (“houve negligência médica” ou “Maria é culpada”), que não se sustentam nas suposições mutuamente manifestas.

A natureza inferencial e probabilística da comunicação expõe os interlocutores ao risco de aceitar informações não confiáveis, seja por erro, seja por intenção de enganar. Para mitigar esse risco, a cognição humana dispõe de mecanismos de vigilância epistêmica (Sperber *et al.*, 2010), que monitoram simultaneamente a coerência do conteúdo e a credibilidade da fonte, preservando os benefícios da comunicação em ambientes onde a informação circula de modo incompleto ou assimétrico. No contexto deste estudo, essa vigilância se manifesta, sobretudo, na avaliação do conteúdo: cada novo comentário é confrontado com o ambiente cognitivo originalmente disponível — e, em particular, com a suposição S2, não compartilhada entre as equipes. Esse monitoramento opera como filtro interpretativo, levando à rejeição de inferências não licenciadas pelo conjunto de suposições manifestas, que exigem esforço desproporcional ou quebram a expectativa de relevância ao gerar interpretações desalinhadas com o contexto que orienta a cadeia inferencial.

A consequência, em cadeias digitais (posts e comentários), é que a assimetria fragiliza rapidamente a expectativa de relevância ótima. Nesses cenários, a vigilância epistêmica funciona como defesa contextual ativa: cada agente atua como guardião de seu conjunto de suposições, protegendo o sentido pretendido contra derivações interpretativas que não se ajustam ao contexto manifesto. Esse

funcionamento possui também um vértice ético, pois desativa a cristalização de leituras que podem produzir dano simbólico, interpretações indevidas ou revitimização — precisamente aquelas que tendem a emergir quando implicaturas não licenciadas passam sem triagem.

À luz desse aparato teórico, torna-se possível compreender por que a investigação empírica demanda um desenho metodológico capaz de isolar contextos, controlar a circulação das suposições e tornar rastreáveis os percursos inferenciais que emergem da interação entre explicaturas, implicaturas e vigilância epistêmica. Em outras palavras, a própria Teoria da Relevância impõe a necessidade de um ambiente experimental no qual variações mínimas no conjunto de suposições acessíveis, como a manipulação de S2, possam ser observadas em seus efeitos sobre a construção de sentido e sobre o modo como os participantes aceitam, rejeitam ou ajustam inferências. É nesse ponto que a fundamentação teórica se articula diretamente ao procedimento empírico: para examinar como diferentes ambientes cognitivos modulam relevância, licenciamento inferencial e vigilância epistêmica, o estudo requer uma metodologia capaz de tornar visível a dinâmica interpretativa em condições controladas. A seção a seguir descreve, portanto, o desenho metodológico que operacionaliza esses princípios, explicitando as estratégias adotadas para observar como os estudantes constroem, filtram e negociam sentidos em cadeias de comentários sob assimetria informacional.

### 3. Metodologia

Ancorado na Teoria da Relevância (Sperber; Wilson, 1995), o estudo foi concebido para tornar visível e rastreável o percurso inferencial que articula forma linguística, explicaturas e implicaturas na circulação assimétrica de comentários digitais. Por essa razão, adotou-se uma abordagem qualitativa, com delineamento descritivo-experimental, adequada para isolar o impacto das suposições contextuais iniciais e observar, sob controle, como a não manifestabilidade mútua do contexto fragiliza a expectativa de relevância ótima e aciona a vigilância epistêmica. Esse delineamento possibilita que as dinâmicas teórico-pragmáticas discutidas na fundamentação sejam materializadas empiricamente.

Os dados foram coletados com 27 alunos do 9º ano de um colégio policial militar de Santa Catarina em duas horas-aula no dia 10 de setembro de 2025. A escolha desse público fundamenta-se na combinação entre competência inferencial emergente e vulnerabilidade interpretativa típica de ambientes digitais, tornando o grupo adequado para observar tanto operações inferenciais complexas quanto conflitos de interpretação em condições de pistas reduzidas.

Para assegurar independência analítica entre percursos inferenciais, os estudantes foram distribuídos em oito equipes, organizadas em dois blocos (A, B, C e D). Esse arranjo impediu a contaminação cruzada de informações e reproduziu, em escala controlada, o funcionamento de bolhas informacionais análogas às das redes sociais. Cada equipe recebeu três suposições iniciais: duas fixas (S1 e S3) e uma variável (S2), manipulada como variável independente em quatro versões (S2A–S2D). A variação exclusiva de S2 gerou a assimetria necessária para examinar como ambientes cognitivos distintos condicionam a construção da explicatura e das implicaturas ao longo das cadeias.

Para minimizar ancoragens externas e preservar a subdeterminação do enunciado-alvo, utilizou-se baixa multimodalidade: apresentou-se uma imagem simulando um post de Instagram contendo somente o enunciado “Maria perdeu o filho”, sem emojis ou recursos visuais adicionais. Essa decisão metodológica concentrou o processamento nos recursos linguísticos e no conjunto de suposições disponíveis a cada equipe, alinhando o procedimento à natureza inferencial da Teoria da Relevância.

O processo de coleta distribuiu-se em oito etapas encadeadas. Inicialmente, cada equipe recebeu suas suposições (S1–S3), com S2 mantida em sigilo entre grupos. Em seguida, exibiu-se o enunciado-alvo em formato de post, lido silenciosamente para evitar influências externas. Na etapa seguinte, cada equipe produziu um comentário inicial, que funcionou como interpretação primária do estímulo. A circulação dos dossiês ocorreu nas etapas 4, 5 e 6, sempre em ordem fixa (A→B→C→D), variando-se o grau de autonomia na escolha do alvo: primeiro obrigatória, depois entre duas opções e, por fim, livre dentro do bloco. Esse mecanismo simulou o efeito em cascata, no qual cada novo comentário deve ser integrado a um contexto que não partilha integralmente as mesmas premissas, expondo condições reais de distorção interpretativa. A etapa 7 devolveu os dossiês às equipes de origem para autoavaliação metacognitiva, enquanto a etapa 8 promoveu um fechamento coletivo, com revelação da manipulação experimental e discussão sobre os efeitos da assimetria.

Para garantir validade interna e precisão analítica, foram adotados diversos controles metodológicos: instruções padronizadas e neutras, tempos cronometrados, anonimato parcial, proibição de narrativas inventadas ou marcas exclusivamente emocionais, disposição espacial uniforme e manutenção de silêncio relativo durante a escrita. No plano ético, a pesquisa seguiu as normas pertinentes, com aprovação por Comitê de Ética, coleta de termos de consentimento e assentimento (TCLE e TALE), salvaguardas psicoafetivas diante de conteúdos sensíveis e gravação de áudio autorizada para fins de triangulação.

O procedimento de análise articula dois níveis complementares, coerentes com a arquitetura da Teoria da Relevância. Na microanálise, cada enunciado é examinado quanto à forma linguística, reconstruída em sua forma lógica, e desenvolvido em explicatura plenamente saturada. A partir dela, identificam-se as implicaturas fortes, fracas e não licenciadas — categoria operacional utilizada para sinalizar interpretações incompatíveis com as premissas manifestas sob condições de assimetria. Na macroanálise, observam-se os efeitos cognitivos (fortalecimento, contradição ou combinação de suposições), o esforço de processamento necessário para integrar informações desalinhadas, a atuação da vigilância epistêmica e os padrões de (des)alinhamento comunicacional emergentes da circulação em cadeia.

A análise escrita foi triangulada com os registros de áudio, recurso que permitiu recuperar nuances prosódicas, hesitações, negociações lexicais e manifestações de perplexidade não captadas no texto escrito. Essa triangulação reforçou a compatibilidade entre método e fundamentação teórica, já que a Teoria da Relevância exige reconstrução precisa do percurso inferencial percorrido pelos interlocutores.

Por fim, o delineamento dialoga diretamente com a BNCC e com descritores do Saeb relacionados à inferência, à análise de efeitos de sentido e à leitura crítica em ambientes digitais, ao favorecer práticas que exigem do estudante a mobilização consciente de suposições e a avaliação rigorosa do contexto interpretativo. Embora a baixa multimodalidade e a ordem fixa representem limitações ecológicas, ambas foram escolhas metodológicas estratégicas para garantir rastreabilidade inferencial, sugerindo, como continuidade, réplicas com contrabalanceamento e ampliação gradual das pistas semióticas.

Assim estruturada, a metodologia estabelece as condições teóricas, empíricas e analíticas que permitem compreender como e por que diferentes contextos originam leituras divergentes para um mesmo enunciado. É nesse ponto que se abre espaço para a seção de Análise dos Achados, onde os percursos inferenciais revelam, em detalhe, os efeitos da assimetria informacional, o papel dos atratores cognitivos e a atuação da vigilância epistêmica na construção (e proteção) do sentido.

#### 4. Análise dos Achados

Esta seção reúne os achados das oito cadeias simuladas. Como cada equipe partiu de suposições contextuais distintas, os percursos interpretativos tendem a fragmentar-se, produzindo reorganizações do enunciado-alvo nem sempre compatíveis entre si. Para tornar esse funcionamento visível, a seção inicia com a leitura longitudinal de uma cadeia exemplar, que ilustra — em escala localizada — três dinâmicas recorrentes no corpus: o deslocamento de eixos interpretativos conforme a suposição dominante em cada equipe; a erosão inferencial decorrente da perda de premissas manifestas; e a atuação da vigilância epistêmica quando as conclusões começam a afastar-se do contexto disponível.

Após essa leitura inicial, que funciona como janela para a lógica interna das cadeias, a análise se expande para o conjunto dos dados. Nesse segundo movimento, detalham-se padrões recorrentes: o funcionamento dos atratores cognitivos instaurados por cada versão de S2; as regularidades da deriva interpretativa ao longo da circulação em cascata; a recorrência de implicaturas não licenciadas; e as diferentes formas de ativação da vigilância epistêmica pelas equipes de origem. Ao combinar um percurso exemplificado com uma leitura transversal, a seção articula a particularidade do caso escolhido com a coerência do conjunto, iluminando — em escala situada — as nuances locais e os mecanismos gerais que governam a reconstrução de sentido sob assimetria informacional.

##### 4.1 Análise longitudinal da Cadeia 1

Nesta subseção, apresenta-se uma leitura longitudinal da Cadeia 1, escolhida por condensar os principais mecanismos inferenciais observados no estudo: como pequenas variações de S2 reorientam a explicatura do enunciado-alvo, como a circulação em cascata fragiliza a relevância quando o contexto deixa de ser mutuamente manifesto e, sobretudo, onde a cadeia se desalinha e precisa ser reparada. O objetivo não é reconstituir todas as etapas, mas acompanhar a trajetória interpretativa. Para tornar visíveis momentos de inflexão — especialmente quando emerge uma implicatura não licenciada ou quando a equipe de origem aciona mecanismos de vigilância —, abrem-se janelas microanalíticas que explicitam mobilização de suposições, desenvolvimento de explicaturas e derivação de conclusões. Esses momentos permitem rastrear por que a cadeia se desloca, onde se rompe e como os estudantes restituem a compatibilidade entre o enunciado e as premissas disponíveis.

A cadeia inicia com a leitura da equipe que recebeu a suposição de gravidez de alto risco (S2A). Diante do enunciado “Maria perdeu o filho”, o primeiro comentário assume uma moldura de luto biomédico: “Queria mandar forças neste momento tão difícil”. A perda é interpretada como aborto espontâneo, um desfecho doloroso de uma gestação marcada por fragilidade. A empatia ancora-se em elementos clínicos, e a sequência avança de modo coerente, sem qualquer atribuição de responsabilidade à personagem.

Quando o comentário chega à equipe cuja suposição inicial é a de gravidez decorrente de estupro (S2B), a leitura se reorienta. A expressão “elas não entendem sua situação” é reorganizada em torno da figura da vítima, e o luto antes descrito como decorrência de uma gestação arriscada passa a integrar uma narrativa de injustiça. A perda gestacional é relida à luz da violência sexual, e o sofrimento é interpretado como efeito de trauma. Embora o tom empático se mantenha, sua natureza muda: a narrativa migra do campo clínico para o da vitimização, tornando-se mais densa no plano moral.

Mais adiante, o dossiê chega à equipe com S2C, para quem Maria tem 14 anos. O comentário retoma o tom de apoio da equipe anterior, mas logo o desloca com um juízo normativo: “Porém acho

que ela é muito nova e deveria se cuidar mais”. A partir daí, a perda passa a ser interpretada como resultado de imprudência, e a idade torna-se o eixo explicativo central. Diferentemente das leituras biomédica e traumática, essa reorganização depende de uma suposição não partilhada, produzindo o primeiro grande desalinhamento inferencial da cadeia.

Veja-se a microanálise dessa passagem:

Forma Linguística: “[...] e deveria se cuidar mais.”

Forma Lógica:  $\text{dever}(\text{cuidar mais}(\text{Maria}))$ .

Explicatura: A equipe C afirma que Maria Oliveira deveria intensificar os cuidados consigo mesma.

Note-se, nesse comentário, a relevância de S2C (gravidez adolescente) combinada com S4: a Equipe C reinterpreta a perda gestacional tendo a idade como fator causal.

S2C: Maria Oliveira tem 14 anos (premissa do contexto {S1–S3}).

S4: Maria Oliveira perdeu o filho (premissa do enunciado-alvo).

S5: Maria Oliveira deveria intensificar os cuidados consigo mesma (conclusão implicada por *modus ponens conjuntivo*:  $S2C \wedge S4 \rightarrow S5$ ).

Ademais, é razoável admitir que S5 sugere evitar a gravidez e, um passo inferencial adiante, que evitar a gravidez implicaria evitar a perda.

S6: Maria Oliveira deveria evitar a gravidez ( $S5 \rightarrow S6$ ).

S7: Maria Oliveira poderia evitar a perda do filho ( $S6 \rightarrow S7$ ).

O problema é que essas inferências não são licenciadas nos ambientes cognitivos das equipes anteriores (S2A-S2B), pois dependem de uma premissa não manifesta e contradizem seus eixos empático ou traumático. É justamente aqui que a cadeia se rompe, revelando de modo paradigmático como a alteração de um único elemento contextual (S2) basta para reorientar profundamente o espaço inferencial.

O comentário seguinte atua como contenção. Embora a equipe disponha de S2D (perda prévia da guarda), essa informação não é mobilizada. Em vez disso, os estudantes retomam o registro empático e destacam a falta de dados sobre a idade de Maria. Essa intervenção, ainda que modesta, suspende a inferência moralizante anterior e reduz a erosão inferencial da cadeia. A cautela expressa em “como não foi dita a idade dela, deve-se pesquisar mais antes de falar” sinaliza a tentativa de restaurar coerência e impedir novo deslocamento interpretativo.

Quando o dossiê retorna à Equipe A, a vigilância epistêmica se torna explícita. Os estudantes identificam que a leitura sobre gravidez na adolescência não se apoia em nenhuma das suposições disponíveis e rejeitam a conclusão de que “Maria deveria se cuidar mais”. A objeção é direta: “Nem sabemos a idade de Maria”. Esse movimento restaura a moldura biomédica original, bloqueia a atribuição de responsabilidade e reconstrói a compatibilidade entre o enunciado-alvo e o ambiente cognitivo de origem.

Veja-se a análise dessa triagem epistêmica.

Forma linguística: “Nem sabemos a idade de Maria.”

Forma lógica:  $\neg \text{saber}(\text{Equipes}, \text{idade}(\text{Maria}))$ .

Explicatura: A Equipe A afirma que as equipes não sabem a idade de Maria Oliveira.

A idade não integra o conjunto manifestamente acessível {S1-S4} da Equipe A, que inclui apenas a gravidez de alto risco. Assim, cancela-se a hipótese de adolescência e de eventual agência preventiva, restaurando a moldura biomédica. O efeito é a reconstituição da relevância ótima, eliminando implicaturas não licenciadas e preservando a integridade ética da interpretação.

Tomada em conjunto, essa cadeia evidencia como o enunciado subdeterminado “Maria perdeu o filho” é reorganizado conforme as suposições acessíveis em cada ambiente cognitivo. O luto biomédico inicial dá lugar ao luto traumático, é interrompido por uma leitura moralizante e parcialmente contido por intervenções de cautela, até ser finalmente restaurado pela vigilância epistêmica da equipe de origem. O percurso mostra que, sob assimetria informacional, a relevância ótima é frágil: pequenas variações no conjunto de suposições podem deslocar drasticamente o espaço inferencial, gerando conclusões incompatíveis que exigem filtragem ativa para recuperar a coerência. A Cadeia 1 funciona como microcosmo dos achados gerais do estudo, mostrando como a interpretação se desvia, onde se rompe e como os estudantes a reparam quando percebem que a leitura já não se sustenta no contexto.

#### **4.2 Achados macroanalíticos derivados do conjunto das oito cadeias**

A leitura longitudinal da Cadeia 1 oferece um modelo reduzido do que se observa, com variações, nas oito cadeias analisadas. No conjunto, observa-se que as suposições variáveis de S2 funcionam como atratores cognitivos que reorientam tanto a explicatura de “Maria perdeu o filho” quanto os caminhos inferenciais de cada equipe. Nas cadeias iniciadas sob risco gestacional (S2A), predomina a moldura biomédica, em que a perda é tratada como evento clínico e os comentários reforçam cuidado e vulnerabilidade. Nas cadeias ancoradas pelo estupro (S2B), o luto converte-se em trauma, com recorrência de termos como “livramento” e defesa da inocência da vítima. Já nas cadeias moldadas pela gravidez adolescente (S2C), o atrator moralizante introduz avaliações normativas e responsabilidade pessoal, mesmo sem base no enunciado. Por fim, nas cadeias orientadas por perdas de guarda (S2D), observa-se um eixo mais cauteloso, marcado por contenção e checagem de premissas. Embora cada cadeia expresse essas orientações em intensidades distintas, o padrão é claro: S2 reorganiza o processamento inferencial, produzindo leituras divergentes que se acentuam à medida que o texto circula em ambientes cognitivos assimétricos.

À medida que avançam em cascata, as cadeias evidenciam um segundo padrão transversal: a deriva inferencial. Sempre que uma equipe interpreta o comentário recebido segundo premissas incompatíveis, parte do contexto desaparece ou é reconfigurada pelo novo enquadre, de modo que as explicaturas deixam de ser estáveis e passam a refletir hipóteses localmente acessíveis. A Cadeia 3 ilustra bem o mecanismo: um comentário de condolência oriundo de S2C é lido pela equipe seguinte, sob S2D, como ironia — interpretação reforçada quando outra equipe, sem acesso ao contexto inicial, reafirma a acusação de insensibilidade. Na Cadeia 2, o eixo traumático de S2B é acomodado por equipes que partem de leituras biomédicas ou moralizantes, elevando o custo de integração e ampliando a fragmentação. A dinâmica sugere que a circulação assimétrica impede a preservação do percurso inferencial e favorece a produção de conclusões que, embora deriváveis pelo procedimento orientado pela relevância, já não se sustentam no contexto de origem.

É nesse contexto que surgem implicaturas não licenciadas — conclusões que dependem de informações não manifestas ou contradizem suposições centrais da equipe de origem. Embora a Cadeia 1 já ilustre o fenômeno, com a atribuição de agência preventiva à adolescente marcando o ponto

de ruptura, casos análogos aparecem em todo o corpus. Nas Cadeias 5 e 7, por exemplo, a suposição de que Maria “deveria ter mais cuidado” ou “era nova demais para isso” reaparece como implicatura motivada por S2C, mas ilegítima para equipes que operam sob S2B, para quem qualquer atribuição de responsabilidade é integralmente incompatível. Na Cadeia 6, interpretações moralizantes são rejeitadas por equipes que leem a perda exclusivamente sob o registro do trauma, produzindo comentários metapragmáticos como “não teria como se cuidar”. O conjunto reforça um padrão unificado: sempre que a inferência exige esforço de integração acima do que o ambiente cognitivo permite, ou mobiliza premissas invisíveis ao grupo receptor, tende a ser classificada — explícita ou tacitamente — como não licenciada.

Por fim, o comportamento da vigilância epistêmica ao longo das cadeias revela uma distribuição desigual, mas significativa. Em algumas cadeias — como 1, 5 e 6 — as equipes de origem detectam conclusões incompatíveis com seu contexto e as bloqueiam, aplicando filtros lógicos e éticos. A objeção “Nem sabemos a idade de Maria”, recorrente nas Cadeias 1 e 5, funciona como marcador de cancelamento inferencial e restaura o alinhamento entre explicatura e premissas. O mesmo ocorre na Cadeia 6, em que a equipe sob S2B rejeita qualquer atribuição de culpa à vítima, explicitando o raciocínio que torna essa leitura inaceitável. Em contraste, cadeias como 3 e 7 mostram momentos em que a vigilância não é acionada com a mesma força, permitindo interpretações desalinhadas ou suavizando desvios que depois seriam identificados como pontos críticos na Etapa 8. Essa variação indica que a vigilância epistêmica não é automática, mas contingente: depende da sensibilidade inferencial, da consciência metacognitiva e da disponibilidade das premissas necessárias para sustentar ou refutar uma hipótese.

Em suma, o conjunto das oito cadeias corrobora o que a leitura longitudinal da Cadeia 1 já antecipava: a interpretação se desloca quando circula entre contextos não compartilhados; implicaturas não licenciadas proliferam quando o custo de integração aumenta; e o restabelecimento da coerência depende da capacidade e da disposição dos estudantes para monitorar o fluxo inferencial à luz das suposições originalmente disponíveis. O corpus indica, assim, que a fragilidade da relevância sob assimetria informacional não é um acidente analítico, mas o eixo que atravessa todo o experimento e sustenta as conclusões macroanalíticas.

### 4.3 Síntese integradora da análise

A articulação entre a leitura detalhada da Cadeia 1 e os padrões das oito cadeias permite consolidar três conclusões centrais. A primeira é que a relevância ótima é intrinsecamente situada: apoia-se nas suposições mais acessíveis ao intérprete no momento da leitura, não na intenção ou coerência do proponente original. Isso se observa quando cadeias ancoradas em S2A preservam o enquadre biomédico, cadeias sob S2B reorganizam rapidamente a perda sob o registro do trauma e cadeias em S2C convertem praticamente qualquer evidência em índice de responsabilidade pessoal. À medida que o texto circula entre leitores que não compartilham o mesmo ambiente cognitivo, a relevância deixa de ser um parâmetro estável e passa a refletir trajetórias inferenciais locais. Esse fenômeno, antecipado na Cadeia 1, ressurge nas demais sempre que um comentário produzido sob um atrator cognitivo é reinterpretado à luz de outro — como na Cadeia 3, em que um gesto de condolência é recodificado como ironia, ou na Cadeia 5, em que a suposição de gravidez adolescente é naturalizada por uma equipe e rejeitada por outra.

A segunda conclusão é que a deriva inferencial não é um acidente pontual, mas um efeito estrutural da circulação assimétrica. Sempre que o texto avança sem as premissas necessárias para

manter o alinhamento contextual, abre-se espaço para reconfigurações interpretativas que, embora formalmente deriváveis pelo procedimento orientado pela relevância, se afastam progressivamente do cenário de origem. Isso se observa em várias cadeias: na Cadeia 2, um comentário de S2B, pensado como empatia traumática, é relido como julgamento moral por uma equipe sob S2C; na Cadeia 7, o movimento se inverte, com avaliações moralizantes de S2C sendo rejeitadas como reativização por grupos sob S2B; e, na Cadeia 3, uma simples mudança de enquadre produz uma leitura depreciativa reforçada por uma terceira equipe. Com a perda de manifestabilidade mútua, a estabilidade interpretativa oscila e as implicaturas passam a refletir mais o ambiente cognitivo receptor do que o contexto de origem — daí decorrem implicaturas não licenciadas, conclusões formalmente possíveis, mas sustentadas por premissas invisíveis para quem produziu o enunciado.

A terceira conclusão é que a vigilância epistêmica atua como mecanismo de estabilização e reparo. Quando acionada, bloqueia inferências desalinhadas com o contexto de origem e suspende hipóteses sem respaldo nas suposições disponíveis. A Cadeia 1 ilustra o processo ao cancelar a suposição de adolescência (“Nem sabemos a idade de Maria”), restabelecendo a moldura biomédica. O gesto se repete em outras cadeias: na Cadeia 5, a equipe sob S2A recusa a leitura moralizante recebida de S2C; na Cadeia 6, a equipe sob S2B rejeita qualquer atribuição de culpa à vítima, explicitando o raciocínio que torna essa leitura inaceitável; e, na Cadeia 8, a equipe sob S2D questiona inferências não justificadas e exige rigor na integração das informações. Contudo, a vigilância não é uniforme: cadeias como 3 e 7 mostram momentos de correção ausente ou tardia, revelando que sua ativação depende da disponibilidade das premissas, da sensibilização metacognitiva e da disposição dos estudantes para interrogar o percurso inferencial.

Tomadas em conjunto, essas três constatações reforçam o movimento evidenciado pela análise longitudinal: o percurso da cadeia exemplar não constitui uma exceção, mas um caso particularmente nítido de um padrão interpretativo recorrente no corpus. A fragilidade das interpretações em cascata sob assimetria informacional, o peso estruturante das suposições iniciais, a frequência das implicaturas não licenciadas e a atuação variável da vigilância epistêmica compõem um quadro que, sem pretender descrever exaustivamente as dinâmicas digitais reais, ilustra com precisão mecanismos que também se manifestam em ecossistemas comunicativos fragmentados. Ao mostrar como enunciados aparentemente simples podem produzir conflitos interpretativos significativos quando circulam entre ambientes cognitivos não compartilhados, a simulação torna visíveis processos que, em contextos digitais, frequentemente permanecem opacos: deslocamentos de sentido, desvios cumulativos e reparos locais. É nesse ponto que a análise prepara o terreno para as implicações discutidas a seguir. Elas elucidam não apenas o que os estudantes fizeram, mas o que sua trajetória inferencial revela sobre a leitura situada em ecossistemas digitais contemporâneos.

## 5. Considerações finais

Os resultados das oito cadeias corroboram a hipótese central do estudo: a relevância ótima é situada e tende a se fragilizar quando o enunciado circula sob assimetria informacional. Na prática, a interpretação de “Maria perdeu o filho” depende das suposições acessíveis em cada ambiente cognitivo; quando a cadeia avança sem que essas suposições permaneçam mutuamente manifestas, a explicatura tende a se reorganizar e a refletir atratores locais — biomédico, traumático, moralizante ou avaliativo — que orientam implicaturas distintas e, por vezes, incompatíveis com o cenário de origem. A recorrência desses movimentos, observada em cadeias iniciadas tanto por S2A (biomédico) quanto

por S2B (traumático), sugere que as divergências não resultam de falhas individuais dos estudantes, mas da própria dinâmica inferencial ativada quando o contexto se fragmenta.

Observou-se também que essa fragilidade não é um acidente pontual, mas um efeito estrutural do modo de circulação em cascata. À medida que o texto é reinterpretado por equipes que operam com premissas distintas — como quando gestos de apoio foram relidos como ironia ou comentários moralizantes foram tomados como revitimização —, eleva-se o custo de processamento para integrar hipóteses, o que amplia a probabilidade de surgirem implicaturas não licenciadas. Essas conclusões, embora formalmente deriváveis pelo procedimento inferencial, não são endossáveis pelo “falante” (a equipe de origem), pois dependem de premissas inacessíveis ao contexto comum. Quando essa perda de aderência se torna perceptível, ativam-se mecanismos de vigilância epistêmica que funcionam como reparo, bloqueando leituras incoerentes e restaurando o alinhamento entre explicatura e suposições manifestas.

A leitura longitudinal da Cadeia 1 já havia evidenciado três processos que se repetem no corpus: o deslocamento dos eixos interpretativos conforme o contexto se altera, a erosão inferencial produzida pela circulação em cascata e a atuação da vigilância epistêmica quando o texto retorna ao grupo de origem. Integrada às recorrências observadas nas demais cadeias, essa trajetória mostra que, em ambientes digitais fragmentados, a interpretação não é um produto estável do enunciado, mas uma construção contextual, dependente da interseção de premissas, da disponibilidade de pistas e do rigor inferencial de quem lê.

Dito isso, divisam-se contribuições teóricas e pedagógicas do estudo. No plano teórico, o trabalho oferece evidências empíricas, produzidas em ambiente escolar controlado, para três dimensões centrais da Teoria da Relevância. A primeira refere-se ao ajuste pragmático que desenvolve a forma lógica inicial em explicatura plenamente saturada, processo observável nas cadeias em que a mesma forma linguística — “perdeu o filho” — assume, conforme a suposição S2, sentidos biomédicos, traumáticos ou moralizantes. A segunda diz respeito à distribuição de implicaturas fortes e fracas, modulada pela acessibilidade das suposições: equipes com S2B derivam inferências fortes de vitimização, ao passo que equipes com S2C produzem implicaturas fracas, embora moralizantes, ancoradas em estereótipos de comportamento juvenil. A terceira contribuição consiste na documentação do funcionamento da vigilância epistêmica como filtro, mecanismo capaz de bloquear leituras que, embora formalmente deriváveis, entram em conflito com o ambiente cognitivo comum.

A categoria operacional de “implicaturas não licenciadas”, utilizada neste estudo como marcador local da perda de aderência ao contexto, não reivindica estatuto formal no corpo teórico da Teoria da Relevância, mas cumpre função analítica precisa: tornar auditável o ponto em que a interpretação exige esforço de integração desproporcional, contraria premissas manifestas ou deixa de satisfazer a presunção de relevância ótima. Ao nomear esse limiar, o estudo contribui para pesquisas sobre circulação textual em cascata, oferecendo um instrumento descritivo replicável em contextos afins.

No plano pedagógico, as cadeias simuladas dialogam diretamente com competências previstas na BNCC (Brasil, 2018) e nos descritores do Saeb (Brasil, 2020) ao promover práticas de leitura crítica em ecossistemas digitais: identificação de sentidos implícitos, análise de efeitos de sentido, distinção entre fato e opinião e manejo responsável de inferências sob pistas reduzidas. Os achados sugerem rotinas didáticas de cautela interpretativa incorporáveis à sala de aula: pausas de contexto antes da produção de comentários; checagem explícita de premissas e suspensão de julgamentos quando faltam dados; devolutivas para triagem epistêmica, em que o texto retorna à equipe de origem; e oficinas breves destinadas a distinguir explicaturas e implicaturas licenciadas e não licenciadas.

Além disso, o desenho experimental — simples, reproduzível e eticamente resguardado — indica que é possível cultivar nos estudantes uma sensibilidade inferencial compatível com a cidadania digital: a capacidade de questionar hipóteses, monitorar custos cognitivos e recusar conclusões que não se sustentam nas suposições disponíveis. O experimento indica também que essa sensibilidade não depende de instruções formais extensas; ela emerge quando os estudantes são expostos a dinâmicas controladas de circulação textual e convidados a acompanhar seus próprios processos inferenciais.

A despeito das contribuições deste trabalho, reconhecem-se limitações. Trata-se de um estudo situado, que assume escolhas metodológicas deliberadas. A opção por baixa multimodalidade (sem imagens, emojis ou marcadores visuais) isolou variáveis linguísticas e favoreceu a rastreabilidade inferencial, mas não reproduz integralmente a ecologia comunicativa das plataformas atuais. A assimetria total de S2 foi necessária para observar, sob controle experimental, os efeitos da variação contextual, embora, em ambientes digitais reais, o acesso às pistas seja parcial, gradual e negociado. A amostra única — 27 estudantes do 9º ano — e a circulação em ordem fixa asseguram rigor interno, mas restringem a generalização externa: trata-se, assumidamente, de um estudo de caso qualitativo.

Essas delimitações, contudo, sugerem uma agenda para a continuidade das investigações. Réplicas com ordens contrabalanceadas e com introdução graduada de multimodalidade (imagens, emojis, indicadores de tom) permitiriam observar em que medida pistas adicionais reduzem ou amplificam a erosão inferencial em cascata. A ampliação da diversidade etária e escolar possibilitaria examinar diferentes níveis de vigilância epistêmica e de manejo dos custos de processamento. Experimentos em ambiente online — com registro de tempo, reações e indicadores de engajamento — aproximariam o estudo das ecologias reais das redes, permitindo investigar como bolhas informacionais e sinais algorítmicos modulam atratores cognitivos. Por fim, a produção de materiais didáticos — rubricas de explicatura/implicatura, exercícios de triagem, pequenos corpora comentados — abre caminho para a transferência imediata dos achados à prática docente, alinhando o ensino de linguagens à responsabilidade inferencial necessária na circulação fragmentada.

Em síntese, as considerações finais reforçam que interpretar textos em cadeias digitais não é a aplicação automática de um “manual”, mas um exercício de prudência epistêmica: reconhecer o papel estruturante do contexto, avaliar custos e efeitos, suspender conclusões quando faltam dados e, sobretudo, recusar o que não pode ser sustentado pelas premissas manifestas. É na combinação entre pragmática cognitiva e formação ética da leitura que este estudo encontra sua contribuição própria — teórica e pedagógica — e o seu horizonte mais promissor de continuidade.

## Referências

ALANO, V. da S. **Relevância e vigilância epistêmica em cadeias inferenciais**: uma análise com estudantes do Ensino Fundamental. 2026. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2025.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Matrizes de referência de língua portuguesa e matemática do SAEB**: documento de referência do ano de 2020. Brasília, DF: INEP, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

SILVEIRA, J. R. C. da; FELTES, H. P. de M. **Pragmática e cognição**: a textualidade pela relevância e outros ensaios. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SPERBER, D.; WILSON, D. **Relevance**: communication and cognition. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1995. (1. ed. 1986).

SPERBER, D. *et al.* **Epistemic vigilance**. *Mind & Language*, Hoboken, v. 25, n. 4, p. 359–393, set. 2010.

WILSON, D. **Pragmatic Theory**. London: UCL Linguistics Dept, 2004.

**Contribuição dos autores:** Os autores assumem responsabilidade conjunta por todo o conteúdo do artigo, que apresenta uma versão revisada da dissertação de mestrado de Vanessa da Silva Alano (2026). Vanessa foi responsável pela aplicação da atividade com os estudantes, pela organização do corpus e pelo tratamento inicial dos achados. Rauen foi responsável pela revisão teórico-metodológica, pelo refinamento analítico e pela versão final do texto.

**Conflito de interesse:** Os autores declaram que não há conflitos de interesse relacionados à elaboração e publicação deste artigo.

**Declaração ética:** A pesquisa foi conduzida em conformidade com as diretrizes éticas vigentes no Brasil, incluindo o respeito ao sigilo, ao assentimento dos participantes e à proteção psicoafetiva diante de conteúdos sensíveis. O estudo recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Sul de Santa Catarina e contou com Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e de Assentimento (TALE) assinados pelos responsáveis e pelos estudantes.

**Financiamento:** Fábio Rauen recebeu apoio do Instituto Ânima para o desenvolvimento deste trabalho.

**Disponibilidade dos dados:** Os dados que subsidiam este estudo podem ser consultados mediante solicitação aos autores, respeitando-se as normas éticas aplicáveis e a confidencialidade dos participantes.

**Agradecimentos:** Os autores agradecem o apoio institucional do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina, especialmente pelas condições oferecidas para a realização da pesquisa.